

Nos caminhos e ritmos das Lapas (Rio de Janeiro/RJ)¹

Diego Pontes²

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este artigo tem por meta trazer algumas reflexões a respeito das dinâmicas de usos e transformações relacionadas à região da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Para tanto, por meio da etnografia, trago apontamentos a partir de fragmentos vivenciados na Lapa por meio de um debate metodológico para que possamos refletir acerca das interações, ambivalências, paradoxos e contrastes presentes na vida urbana da cidade metropolitana contemporânea. Em meio a esses passos que envolvem distinções entre o novo e o velho, holofotes turísticos e ruínas, degradação e valorização, torna-se possível a elaboração de considerações sobre algumas dimensões urbanas do turismo na região da Lapa.

Palavras-chave: Lapa; cotidiano; turismo; cidade.

¹ As reflexões aqui encontradas foram previamente apresentadas e abertas ao diálogo no VI Congresso da Associação Latino-americana de Antropologia (ALA) e no 9º Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades (CO-NINTER), ambos em 2020. Em 2021, algumas ideias aqui presentes foram elaboradas em publicação no dossiê “Cidades em metamorfose: memórias, percursos urbanos e imagens”, na Revista Iluminuras, do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Doutorando em Arquitetura e Urbanismo no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ/UFSC) e Professor Substituto no Instituto Federal Fluminense (IFF). Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com Especialização em Ensino de Sociologia pelo CESPEB da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

On the paths and rhythms of Lapa (Rio de Janeiro/RJ)

Abstract: This article aims to bring some reflections about the dynamics of uses and transformations related to the Lapa region, in the city of Rio de Janeiro, Brazil. Therefore, through ethnography, I bring notes from fragments experienced in Lapa through a methodological debate so that we can reflect on the interactions, ambivalences, paradoxes and contrasts present in the urban life of the contemporary city. In the midst of these steps that involve distinctions between the new and the old, tourist spotlights and ruins, degradation and valorization, it becomes possible to elaborate considerations on some urban dimensions of tourism in the Lapa region.

Keywords: Lapa; ordinary; tourism; city.

Por los caminos y ritmos de Lapa (Rio de Janeiro/RJ)

Resumen: Este artículo tiene como objetivo traer algunas reflexiones sobre la dinámica de usos y transformaciones relacionadas con la región de Lapa, en la ciudad de Río de Janeiro, Brasil. Así, a través de la etnografía, traigo apuntes de fragmentos vividos en Lapa a través de un debate metodológico para que reflexionemos sobre las interacciones, ambivalencias, paradojas y contrastes presentes en la vida urbana de la ciudad contemporánea. En medio de estas etapas que involucran distinciones entre lo nuevo y lo viejo, focos y ruinas turísticas, degradación y valorización, se hace posible elaborar consideraciones sobre algunas dimensiones urbanas del turismo en la región de Lapa.

Palabras clave: Lapa; cotidiano; turismo; ciudad.

O artigo aqui elaborado deriva da abertura de diálogos travados no Grupo de Trabalho “Processos de patrimonialização e suas articulações no contexto latino-americano”, do VI Congresso da Associação Latino-americana de Antropologia (ALA), e no 9º Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades (CONINTER), no Grupo de Trabalho “Turismo e Gastronomia”. Ademais, algumas reflexões que se apresentam foram previamente publicadas em artigo no dossiê “Cidades em metamorfose: memórias, percursos urbanos e imagens”, na *Revista Iluminuras*, do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS-UFRGS). Dessas discussões iniciais, apontamentos relativos à construção dos espaços urbanos contemporâneos e aos processos de patrimonialização que alicerçam suas representações, assim como os múltiplos usos e práticas da cidade, direcionam algumas questões que nos auxiliam a refletir acerca das desigualdades, contradições e contrastes que se desenrolam e legitimam nos espaços urbanos das cidades.

Dito isso, considerando as diversas transformações urbanísticas que envolvem a estrutura da Lapa, tradicional bairro localizado na região central do Rio de Janeiro, a proposta aqui apresentada é percorrer algumas pistas que nos auxiliem a compreensão das transformações socioespaciais pelas quais passou essa região. Além disso, busco refletir acerca de seu cotidiano, abrindo caminhos para que seja também analisado o processo de consolidação de significados que, ainda hoje, associam essa região a determinados *ethos* e visões que compõem o imaginário sobre a vida urbana na Lapa.

Quando trazemos para reflexão o bairro da Lapa, podemos inicialmente considerar que trata-se, na atualidade, de uma área conhecida pelo seu intenso movimento e alto fluxo turístico que compreende uma enorme variedade de bares, casas noturnas, *pubs*, barracas e ambulantes que configuram um lugar de múltiplos usos e ambivalentes significados. A respeito de seu cotidiano, “entre as ruas, becos e esquinas” que compõem a Lapa (CARUSO, 2016: 26), misturam-se habitações residenciais, pessoas em situação de rua, cortiços, condomínios, casarões em ruínas, *hostels*, pousadas e imponentes hotéis que se encontram em um circuito fortemente envolvido pelo consumo urbano e uma lógica turística voltada à projeção nacional e internacional do bairro.

Uma gama de estudos urbanos que apreendem a Lapa como campo de investigação destaca uma atmosfera composta pela multiplicidade, sobreposições e diversos sentidos atribuídos a essa região. Investigações nos campos da Geografia Cultural, História, Comunicação, Antropologia, Planejamento Urbano, Arquitetura e Urbanismo percorrem justamente as transformações ocorridas tanto em sua estrutura física ao longo do tempo, quanto no que diz respeito às dinâmicas do cotidiano por suas distintas práticas, temporalidades e espacialidades (SILVA, 1993; CASCO, 2007; HERSCHMANN, 2007; BARTOLY, 2011; GUTERMAN, 2012; FAZZIONI, 2014; SOUZA, 2015; CARUSO, 2016).

Em termos históricos, as transformações urbanas ocorridas no cotidiano da Lapa remontam emaranhados processos que envolvem uma série de negociações,

conflitos e fronteiras muitas vezes embaçadas e pouco nítidas entre empreendimentos públicos e privados. No que diz respeito a algumas dessas mudanças e reinvenções sobre essa região, destaca-se o período que compreende seu apogeu, durante as décadas de 1920-1940, em que a região representava uma importante centralidade econômica e cultural da cidade do Rio de Janeiro, e, com o passar dos anos, seu processo de decadência e degradação, onde a região tornou-se obsoleta aos investimentos públicos e privados ao passo que a cidade se projetava e expandia rumo a outras zonas urbanas (BARTOLY, 2011: 10).

Outro ponto importante ressaltado por autores e autoras que retratam as transformações urbanas pela Lapa refere-se ao período de sua “redescoberta”, que tem como marco o início dos anos 2000, onde essa região, hoje com seus 49.909 habitantes distribuídos por 2093,859 km² de extensão³, passou a ser reconfigurada por políticas urbanísticas e de segurança voltadas ao alavancar das forças do turismo e da especulação imobiliária. Com isso, se desenrola uma série de revitalizações, requalificações e reconfigurações da vida urbana a partir do período supracitado (MARTINS, OLIVEIRA, 2008: 150; SOUZA, 2015: 159).

Abre-se, dessa forma, espaço para investigação de algumas nuances referentes às transformações que marcaram e tiveram impacto direto nas articulações relacionadas ao mercado do turismo, que acabam, por sua vez, incidindo diretamente sobre a vida ordinária do espaço vivido da Lapa em suas contradições e seus contrastes. Essa dinâmica envolve, além das questões específicas relativas à segurança pública a partir da implementação de programas voltados a construção de uma ideia de ordenação do espaço urbano, conforme sinaliza Haydeé Caruso (2014), mas também uma série de restaurações estratégicas e arbitrárias. Dentre essas transformações, podemos citar como exemplo as recentes ocorridas nos Arcos da Lapa e seus bondes, no centro cultural Sala Cecília Meireles, no “Grande Hotel Bragança” e no Circo Voador, assim como as mudanças urbanísticas na mais movimentada Avenida da Lapa, a Mem de Sá, com a requalificação de casarões antigos que se distribuem por sua extensão e que, hoje, abrigam *hostels*, depósitos de bebidas, *lan house*, motéis baratos, tabacaria, bancas de jornais e revistas, funerárias, restaurantes e bares.

Trata-se, dessa forma, de um lugar que abriga paradoxos, (des)encontros e colisões distintas que se expressam em contradições, fronteiras e tensões sobre o cotidiano dessa região. Redes de sociabilidades que se revelam em uma gama de encontros que corporificam o bairro, como podemos observar em suas feiras de antiguidades e artesanatos, brechós, festas e bares LGBTQIA+, rodas de samba, jogos de futebol na televisão dos bares, redes de distribuição de refeições para pessoas em situação de rua, manifestações políticas e festas de carnaval.

Assim, o objetivo do trabalho aqui apresentado consiste em compreender as transformações urbanas e as interferências no espaço cotidiano habitado da Lapa nos dias de hoje, pensando a dinâmica dos entrelaçamentos entre os usuários da cidade em suas experiências e distintas formas de ocupação, para então refletir sobre os modos que esse espaço se constrói no Rio de Janeiro em termos de representação da cultura urbana carioca. Proponho, dessa maneira, uma reflexão a partir de fragmentos da Lapa vivida e sentida em seus diversos ritmos, colisões e profusões de transformações e significados, dando, para tanto, atenção específica ao espaço praticado (CERTEAU, 2014) como meio de análise do cotidiano urbano dessa região.

³ Segundo consta no censo demográfico do IBGE de 2019.

No que diz respeito ao olhar debruçado sobre o cotidiano, Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (2013) trazem uma importante perspectiva que nos permite pensar as dinâmicas urbanas como espaços de confluência que se constroem nas interações e encontros dos diversos agentes sociais que circulam e fazem a vida urbana. Reside ainda nessa ótica a compreensão do cotidiano como lugar do inesperado e do “desendereço”, onde podemos destacar a potencialidade dessa forma de apreensão da realidade urbana de modo transversal e aberta a transformações, nos fazendo questionar, portanto, acerca dos desafios do exercício etnográfico em realidades urbanas tão distintas, distantes, familiares e, como também condiz ao cotidiano, fugazes.

Com isso, as reflexões aqui brevemente apresentadas se desenham por meio da *etnografia de rua*, onde esse movimento pela cidade se faz fundamentalmente no entendimento do caminhar enquanto leitura e escrita das formas de “experienciação” das e nas cidades, nos levando, neste artigo, ao olhar para a coexistência de diversas Lapas em suas múltiplas ambiências, ritmos, frequências e contradições.



Figura 1 – Cruzando os Arcos da Lapa, marcas e sobreposições na Av. Mem de Sá.

Alguns apontamentos sobre as transformações pela Lapa

A escolha inicial pela investigação e delimitação espacial da Avenida Mem de Sá e adjacências – considerada pelas projeções do turismo a principal e mais movimentada via da Lapa - como meio que substancialmente cruza e orienta o universo da pesquisa, se coloca como caminho por onde proponho o desenvolvimento desta reflexão. As ideias aqui elaboradas remontam minhas próprias vivências, memórias e trabalho de campo sobre essa região da cidade, que é, para mim, com muitas ressalvas, familiar.

A respeito das possibilidades analíticas sobre a Lapa, considero a perspectiva de Gilberto Velho quanto à observação do familiar, na qual se faz, com toda sua complexidade e relativizações, a partir do olhar para a própria sociedade do pesquisador por meio de uma ótica “preocupada em perceber a mudança social não apenas ao nível das grandes transformações históricas, mas como resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas” (VELHO, 2013: 79). O ponto de partida para esta análise entende que a Lapa abriga uma série de elementos históricos e representações patrimoniais específicas na cultura urbana da cidade, seja pelo imaginário da boemia, malandragem, diversidade, ou ainda pela imponência ou abandono de seus patrimônios, como a Sala Cecília Meireles, a Escola de Música da UFRJ, a Escadaria Selarón, além dos próprios Arcos da Lapa e casarões que o circundam. Por essa direção, destaco as ambivalentes formas que esse cotidiano é construído na dinâmica da cidade nos dias de hoje, considerando as redes de sociabilidades que abriga, assim como quais processos de patrimonialização e tombamento alicerçam suas representações.

No que abarca essa região, uma considerável promoção por meio de empreendimentos sobre o espaço urbano desembocou, desde o final dos anos de 1990, em uma espécie de “redescoberta” da Lapa aos moldes do mercado (CARUSO, 2016: 170). Nesse panorama caleidoscópico de transformações, podemos elucidar tanto mudanças ligadas à própria estrutura física da Lapa, como também as relacionadas à ordem e segurança pública dessa região, indelevelmente atravessada pelas políticas voltadas ao turismo e ao fluxo da especulação imobiliária.

Segundo Haydeé Caruso (2016), transformações que incidem a retomada do bairro da Lapa por investimentos orientados pela lógica do espaço urbano capitalista, que visionam a exploração da identidade do lugar em termos mercadológicos, criando estereótipos e promovendo a reconfiguração e valorização de uma região historicamente marcada por profundas modificações em sua estrutura. Dessa dinâmica, torna-se possível observar um processo de reinvenções e reafirmações de narrativas sobre o período de seu apogeu, de sua decadência e, na atualidade, de sua atmosfera hype a partir dos anos 2000, onde foi fortemente redesenhada pelas demandas do turismo e por diversos outros processos de revitalizações, requalificações e gentrificação em outros perímetros da região central do Rio de Janeiro (MARTINS e OLIVEIRA, 2008: 160; CARUSO, 2016: 60).

Essas reconfigurações podem ser pensadas dentro de um quadro de análise que situa uma dinâmica de retomadas e ‘reinvenções’ de áreas centrais das grandes cidades ao redor do mundo, e em particular nas metrópoles brasileiras impulsionadas a partir da década de 1990, onde segundo Martins e Oliveira (2008: 159),

Projetos de (re)valorização urbana implementados nas áreas centrais de diferentes cidades mundiais têm em comum o estímulo à construção de grandes equipamentos culturais, a promoção de atividades turísticas, revalorização do patrimônio histórico-cultural e do espaço público. O estudo dos processos de transformações urbanas promovidas por esses projetos tem grande relevância à medida que possibilitam entender como alteram o conteúdo social, cultural e físico dos espaços afetados. Desvendar as nuances dos recentes processos de apropriação do patrimônio históricocultural é de grande importância para entender as políticas contemporâneas de “revitalização” que reinventam lugares, recriam tradições, estabelecem centralidades: aspectos a partir dos quais outros lugares são criados e outras tradições reapropriadas, a partir dos usos diferenciados que se faz dos espaços públicos.

Os autores, ao questionarem “O que está acontecendo coma Lapa?”, pontuam um conjunto de processos, a um primeiro olhar não necessariamente associados, mas que anunciam um espaço a ser criado e ocupado envolvido sob a métrica das

forças do mercado, tendo sua estrutura física sofrido significativas alterações expressas em mudanças nas dinâmicas cotidianas dessa região. Conforme sinalizam Martins e Oliveira (2008), torna-se possível a compreensão de um espaço constituído por processos de revitalização, renovação, requalificação, reabilitação urbana ou mesmo de gentrificação em zonas antes consideradas degradadas e que indicam fluxos de reinvenções sobre a vida urbana, e, conseqüentemente, das formas de experimentação e ocupação da cidade.

Assim, considerando os impactos das revitalizações nas dinâmicas urbanas, este artigo busca lançar luz sobre alguns fragmentos do cotidiano da Lapa em diálogo com estudos que apontam para um cenário reconfigurado pelos últimos megaeventos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro - a Copa do Mundo, em 2014, e as Olimpíadas em 2016 (MAIOR, 2014; VIANA, 2019: 84). Megaeventos que, segundo Viana (2019), impactaram de forma arbitrária as cidades como um todo, e, no caso do Rio de Janeiro, pontualmente em áreas consideradas estratégicas aos olhos do turismo, do mercado imobiliário e da segurança pública, como Copacabana, região Portuária, Maracanã e Lapa. Além disso, vale pontuar a criação e desenvolvimento de novos espaços turísticos e projetos de mobilidade e segurança, como o Porto Maravilha, as novas linhas de escoamento do trânsito e a ampliação do patrulhamento por meio da intensificação do Programa “Segurança Presente” articulado pelo poder público.

No que diz respeito a região investigada, as atuais transformações podem ser observadas a partir da construção e implementação, em 2016, no bojo das Olimpíadas, do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), que percorre as proximidades da Lapa pela estação da Cinelândia, e também a intensificação do dispositivo de patrulhamento de segurança pública “Lapa Presente”, implementado desde 2015 pelo governo do Estado e prefeitura do Rio de Janeiro, e que hoje existe em diferentes bairros e localidades “estratégicas” da cidade (VIANA, 2019: 83).

Considerando para esta inflexão o cotidiano atual da Lapa em suas multiplicidades, coexistências e transformações, características fundamentais da experiência urbana contemporânea, destaco passos que possam auxiliar a ampliação da compreensão do panorama urbano do bairro e a relação dos usuários e dos significados atribuídos a esse espaço, que se traduzem em modos diversos de ocupá-lo.



Figura 2 – Após movimentada noite de sexta-feira, cruzamento da Av. Mem de Sá com a Rua Gomes Freire em uma manhã de sábado.

Cruzando os arcos das Lapas em fragmentos

Caminhar pela Lapa, cruzar suas ruas, arcos e esquinas que abrigam movimentos distintos (CASCO, 2007), nos permite evidenciar uma variedade de ritmos ambivalentes que podem ser observados pela diversidade de formas de habitação, sotaques, idiomas, músicas, festas, grafites e pichações que bordam sua atmosfera. Neste artigo, esses modos de vida na Lapa marcam a compreensão sobre o espaço praticado dessa região como um emaranhado de contradições e sobreposições, sendo assim possível notar um verdadeiro caleidoscópio de Lapas que coexistem.

Uma composição intercruzada por usos que se transformam no decurso das horas e dias da semana, como revela Natália Fazzioni (2014) em sua etnografia sobre a Lapa em seus tempos múltiplos e sobrepostos. A autora analisou o processo de transformações das dinâmicas urbanas dessa região, desencadeado, desde os anos 2000, em um conjunto de políticas públicas voltadas ao bairro se desdobrando em mudanças na estrutura urbana por meio de reformas de vias, revitalizações, tombamentos e processos de preservação do patrimônio edificado e seus usos.

Pensando a cidade enquanto objeto temporal, Fazzioni aborda as dinâmicas do turismo entendendo os Arcos da Lapa como uma espécie de portal marcador liminar entre o “antes e depois dos Arcos”, onde se torna possível percorrer nitidamente uma rua e seus dois lados. Corpos e formas de habitar que se expressam em contrastes e paradoxos entre seus polos: “um mais empobrecido e outro mais elitizado, tanto do ponto de vista dos frequentadores, quanto dos moradores, o que pode ser igualmente constatado pelo tipo das edificações existentes em cada um dos lados” (FAZZIONI, 2014: 294).



Figura 3 – Cruzamento da Avenida Mem de Sá com a Rua do Lavradio.

Seguindo por seus caminhos, comumente encontramos pela Lapa turistas de diferentes nacionalidades e regiões do Brasil reunidos com suas câmeras fotográficas, vistos, inclusive, aos montes e com facilidade ao longo do ano. Sob os Arcos da Lapa, alguns capturam fotos e ouvem seus guias turísticos que, geralmente mesclando o inglês e o espanhol, apresentam uma narrativa sobre a história da Lapa, destacando e exaltando sua vida boêmia, suas ruínas, sua diversidade e seus imponentes Arcos, apresentados, inclusive, como um dos mais importantes símbolos da cidade do Rio.

“Antes” dos Arcos, outro ponto muito frequentado por turistas é a Escadaria Selarón, que liga a Lapa ao bairro de Santa Teresa e pode ser acessada pela Rua Teotônio Regadas, seguindo a lateral do Centro Cultural Sala Cecília Meireles, ou por meio da Travessa Mosqueira, um dos trechos mais degradados e estigmatizados do bairro aos olhos da segurança pública, ou ainda pela Rua Joaquim Silva, por onde normalmente os grupos de turistas seguem, em conjunto, seu rumo.

Entre esses caminhos até a colorida Escadaria, decorada em azulejos e mosaicos pelo artista chileno radicado no Brasil, Jorge Selarón, cruzamos por cortiços, depósitos de bebidas, pichações, sujeira, pessoas deitadas nas calçadas, além de frequentes casos de furtos, venda e consumo de drogas que comumente ganham destaque em jornais de ampla circulação midiática. Por essa caminhada, é possível notar também a presença de artistas vendendo artesanatos e pinturas em azulejos expostos em cavaletes nas calçadas, e lojas de souvenirs, onde são vendidas miniaturas de alguns pontos turísticos do Rio, como os Arcos da Lapa, o Cristo Redentor ou as ondas do calçadão da praia de Copacabana; nesse mesmo percurso encontraremos ainda pequenos restaurantes e uma grande circulação de ambulantes vendendo bebidas, cangas, óculos de sol e camisas de time de futebol.

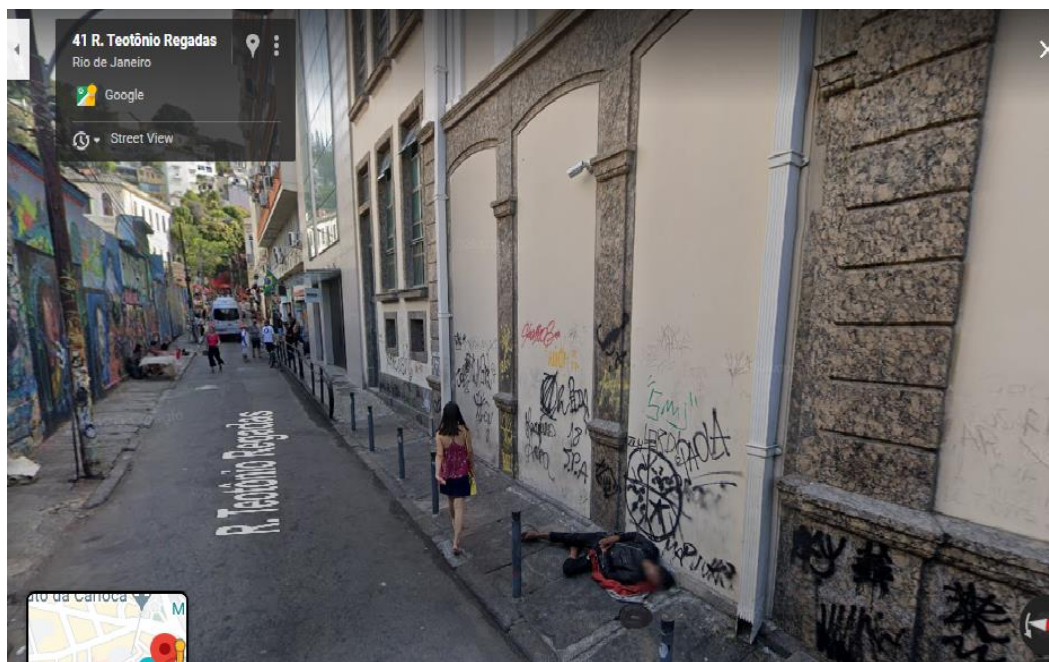


Figura 4 – Fragmento da Rua Teotônio Regadas e, ao final, a Escadaria Selarón. Fonte: Google Street View, 2020.

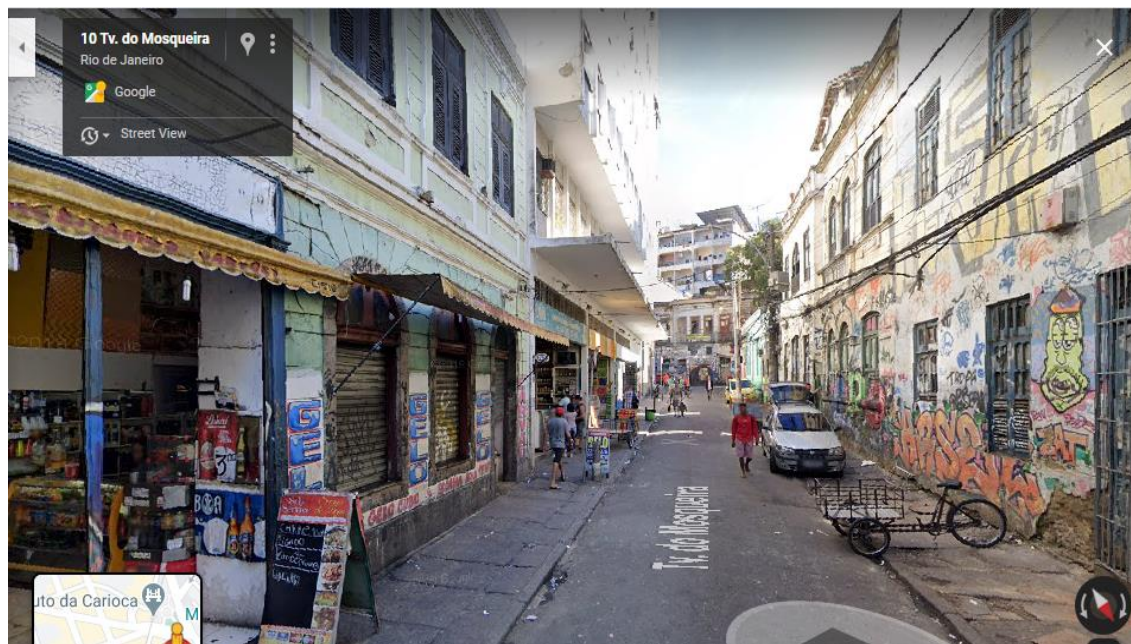


Figura 5 – Fragmento da Travessa Mosqueira. Fonte: Google Street View, 2020.

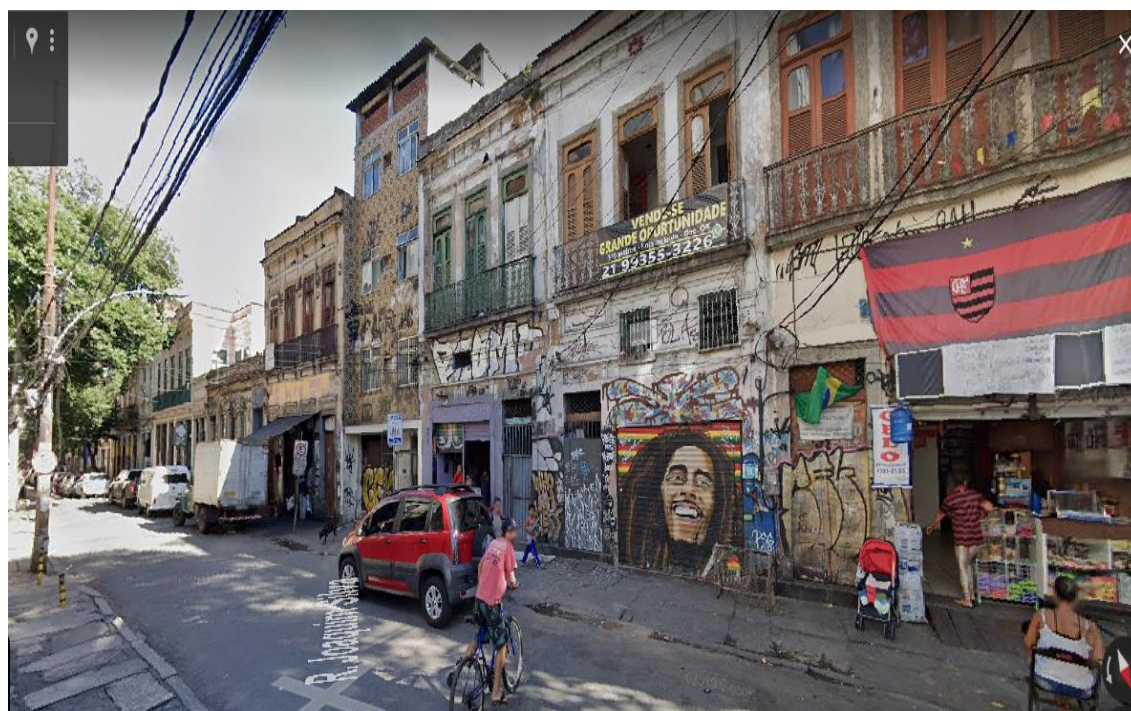


Figura 9 – Fragmento da Rua Joaquim Silva, a rua da Escadaria Selarón. Fonte: Google Street View, 2020.

As imagens apresentadas no curso do texto ilustram fragmentos de um cenário permeado de contradições e sobreposições desenhadas no espaço urbano da Lapa, que concentra comércios, edificações e usos diferentes dos encontrados “do outro lado” dos Arcos, tal como relata Fazzioni (2014) e também observado em minha pesquisa de campo. Pela Avenida Mem de Sá, logo após cruzarmos os Arcos, podemos visualizar, ao anoitecer, o aumento significativo do fluxo de usuários por esse espaço da Lapa. Em uma noite de sexta-feira, por exemplo, o ritmo se intensifica pelas calçadas e ruas, onde os bares e restaurantes ficam ainda mais movimentados e podemos encontrar atrativos como rodas de samba, festas e

shows de diferentes ritmos, como funk, sertanejo, pagode e pop music norte americana.

Em meio a esses passos que envolvem paradoxos e distinções entre o novo e o velho, holofotes turísticos e ruínas, degradação e valorização, torna-se possível a elaboração de considerações sobre algumas dimensões das dinâmicas urbanas do turismo na região da Lapa, indagando quais histórias e narrativas são elaboradas e contadas no percurso destinado ao turismo dito “oficial”. Cabendo ainda, dentro dessa reflexão, o questionamento de quais tipos de turismo podem ser observados na Lapa e o que é elencado, resgatado e (des)apropriado como elemento identitário, histórico e cultural pelas dinâmicas do turismo – seja a malandragem, a boemia, a diversidade, os personagens históricos ou mesmo as próprias ruínas.

Neste sentido, a partir do que foi aqui brevemente apontado, podemos pensar que caminhar pela cidade e pelo movimento de seu cotidiano significa, ao olhar etnográfico, como pontuado por Hélio Silva (2009), perceber seus ritmos, seus sons, suas temporalidades, texturas, colisões e fissuras que se revelam nos deslaminhos e contraditórios deslocamentos, encontros e movimentos da/na cidade.

Como forma de apreensão das dinâmicas urbanas que delineiam a cidade contemporânea, podemos apontar os percursos da etnografia de rua, como salientado por Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (2013), que se faz na “exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas “sem destino fixo” nos seus territórios” (ECKERT, ROCHA, 2013: 24) por meio da incursão no movimento das ruas e avenidas das cidades a partir do que as autoras descrevem como observação flutuante e etnografia de duração. Por meio dessa forma de observar e vivenciar a cidade, abre-se caminho para a atenção aos diversos rumos e formas de apropriação e deslocamentos da vida urbana, além dos múltiplos usos e ritmos das ruas, que, por sua vez, ampliam as formas de observação das urbanidades e atalhos que fazem a cidade.

Por essa direção, no decurso da etnografia de e na rua, a técnica de investigação do cotidiano e da experiência do espaço vivido da rua “estando lá” e situando o lugar do pesquisador por seus deslocamentos e caminhadas analíticas no espaço e tempo das ruas, faz com que seu propósito não se restrinja somente a observação para a sua cidade por meio de processos de “reinvenção/reencantamento de seus espaços cotidianos, mas capacitá-lo às exigências de rigor nas observações etnográficas ao longo de ações que envolvem deslocamentos constantes no cenário da vida urbana.” (ECKERT, ROCHA, 2013: 27). Com isso, aos olhos e experiências da etnografia urbana, a cidade torna-se um território fluido, caleidoscópico e fragmentário, por onde pela via da etnografia de e na rua possibilita-se que se observe não apenas o “nativo”, mas, sobretudo a si mesmo em interação e vínculos com “uma diversidade de micro-eventos de interação a qual ele próprio interage ou reage conforme a situação experienciada”. Como situam as autoras Eckert e Rocha (2013: 25),

sem dúvida, na etnografia de rua o perfil de uma comunidade, indivíduo e/ou grupo se configura aos poucos pois o etnógrafo trabalha pacientemente a partir de colagens de seus fragmentos de interação. Isto porque uma cultura urbana se expressa não só por convenções gestuais, de linguagens recorrentes, especializações profissionais de seus portadores, mas se apresenta igualmente através de suas práticas ordinárias, saberes e tradições com as quais o pesquisador precisa familiarizar-se neste deslocamento em espaços que são, ou não, o seu próprio lugar de origem. Na busca do encontro e diálogos menos fortuitos que aqueles que os deslocamentos na rua permitem ao etnógrafo, a cumplicidade dos pequenos gestos, sorrisos ou olhares dos habitantes da rua, moradores locais, comerciantes, frequentadores, mendigos, vendedores ambulantes, menino(a)s de rua, feirantes, pode significar um convite a aproximação mais duradoura.

Nestes rituais de sedução e jogos de conquista da atenção do Outro, desvenda-se a lógica da criação dos papéis através dos quais constroem-se os personagens do antropólogo e do nativo em interação. [...] Neste sentido a etnografia “na” rua consiste no desenvolvimento da observação sistemática de uma rua e/ou das ruas de um bairro e da descrição etnográfica dos cenários, dos personagens que conformam a rotina da rua e bairro, dos imprevistos, das situações de constrangimento, de tensão e conflito, de entrevistas com *habitués* e moradores, buscando as significações sobre o viver o dia-a-dia na cidade.

Sendo assim, como sugerido por Eckert e Rocha enquanto forma de observação das tramas da cidade contemporânea, o olhar para o cotidiano dos fluxos urbanos permite que possamos refletir acerca das transformações e mudanças na ambiência e comportamento corporal das cidades, assim como elaborar elucidacões acerca de suas ambivalentes desterritorializações e reterritorializações. Essas dinâmicas dizem respeito, em última instância, aos sentidos e significados atribuídos aos pontos de encontro, de orientação e interação de uma multiplicidade de modos de vida, ocupação, circulação e conflitos que (de)formam o cotidiano do espaço urbano das cidades, auferindo-lhes novos contornos pelas táticas e reinvenções mobilizadas a partir da complexa relação dos e das habitantes com o poder público em suas diversas dimensões e emaranhados.

Cabe, assim, ressaltar que ao cruzar sobreposições de camadas de histórias por essa região da cidade, observa-se um espaço urbano construído de forma heterogênea por forças vivas múltiplas, que desenham e reinventam a cidade cotidianamente de formas diversas e sagazes. Territorialidades e corporalidades que muitas vezes nascem sorrateiras, pelas encruzilhadas, nas ruínas, becos e arcos, ou ainda à sombra ou à luz dos ofuscantes holofotes turísticos projetados sobre a Lapa.

Barracas de um lado, pubs de outro

Nas saídas de campo, em pleno verão carioca, faça chuva faça sol, um final de semana na Lapa sempre está movimentado. Durante o dia, por exemplo, é possível notar práticas do espaço que destoam de outros horários, como durante a noite e do avançar da madrugada. Práticas e vivências que variam e oscilam de acordo com o passar das horas e dos dias da semana, revelando um movimento de usos que seguem e tecem o fluxo das dinâmicas urbanas que a contextualizam e auferem sentidos.

Sob ameaça de chuva com direito a relâmpagos no céu, resolvi, mesmo assim, “encarar” a saída de campo que havia planejado para o final de semana. Meu destino era caminhar de encontro aos Arcos, buscando estabelecer diálogos e interlocuções que havia iniciado de forma esporádica no final de 2019 entre os “barraqueiros”. Naquele espaço, se organizam formando uma espécie de corredor gastronômico onde são vendidas uma grande variedade de pratos, geralmente servidos em marmitex de isopor, a preços consideravelmente mais acessíveis do que nos bares, pubs e restaurantes que se encontram há alguns passos dali, “do outro lado dos Arcos”.

Alexandre e Fátima, cada um em sua barraca, tornam-se interlocutores que me mostraram algumas dessas dinâmicas estabelecidas nas relações comerciais e afetivas que tecem o lugar. A meu redor, era possível notar dinâmicas de um consumo urbano com rodadas de pratos e bebidas, servidos aos consumidores ali mesmo, em pé e com todas as pessoas misturadas ao fluxo do corredor, evidenciando uma variedade de públicos: turistas, grupos de jovens “aquecendo” antes da noite, famílias, casais ou apenas passantes e frequentadores cotidianos.

Além das barracas fixas em estrutura metálica revestidas por lona azul e com placas personalizadas indicando as diferentes especialidades de comidas e bebidas, me chama atenção nas redondezas a Barraca da Fátima, como representada em sua placa de divulgação. Diferente das outras barracas desmontáveis ao amanhecer, a dela era uma espécie de barraca móvel que permitia seu deslocamento pela noite. Ainda assim, mesmo sob as três rodas, Fátima me mostra seu ponto fixo, onde “estaciona” e espera com que as vendas comecem e se iniciem os trabalhos, ora sentada em uma cadeira plástica branca, ou em pé como na maior parte do tempo visto naquela noite.

Sua barraca, organizada sob um triciclo de carga, “equilibra” suas sacolas, garrafas de bebidas, isopor com gelo e latas de refrigerante e cerveja. Sobre essa estrutura se organiza uma decoração com taças e copos plásticos coloridos e em neon, caixa de som, luzes, e ainda a placa que anunciava as promoções da noite: caipirinha por 7 reais e 3 latões de cerveja por 10.

Fátima me diz que ao finalizar o trabalho da noite vai para casa “empurrando seu carrinho” até a Rua do Lavradio, bem próximo de onde estávamos, ou que por vezes precisa deixá-lo em um dos galpões que se encontram do outro lado da rua, ainda na Av. Mem de Sá. No mesmo lugar onde, ao fim da noite e raiar do dia, são guardadas as estruturas das barracas desmontadas que ficam sob os Arcos, e que no dia seguinte serão novamente erguidas, visto que no final de semana encontramos uma maior quantidade, como vinte e seis em uma noite de sábado, e ao longo da semana esse número é reduzido, sendo encontradas, em uma noite de terça-feira, por exemplo, quatro barracas armadas.

A montagem das barracas mostra relações que são estabelecidas entre os “barraqueiros”, como observado no “mutirão” de desmonte das barracas e na montagem da estrutura por Alexandre, que contou com a ajuda do seu irmão e sobrinho, onde, em minutos, ergueram um espaço com luzes vermelhas e luminárias orientais destinado à venda e preparo de yakisobas de diferentes sabores. São vendidas opções com carne, frango, frutos do mar, calabresa, legumes e mix de cogumelos que variam de preços e tamanhos.

Seguindo pela Avenida Mem de Sá em direção à Cruz Vermelha, passando pelos Arcos, novos ritmos passam a redefinir as práticas do espaço. Os pubs Leviano e Inferninho e as casas de shows localizadas sob os Arcos, Circo Voador e Fundação Progresso, muitas vezes com seus eventos simultâneos, aglomeram públicos diversos que compartilham o mesmo espaço. As canções vindas da caixa de som da “Barrada da Fátima”, que durante a noite tocava algumas músicas “aleatórias” conectadas ao Bluetooth do celular, ou, mais comumente, a um pendrive, na medida que me distanciava, eram abafadas pelos outros ritmos presentes na Lapa.

Nesse mesmo dia de show no Circo Voador, as músicas ao vivo vindas de bandas que simultaneamente tocavam nos pubs e baladas localizadas nos seus andares superiores, se misturavam a vozes que envolviam minha caminhada. O posto de gasolina SHELL, localizado entre as paralelas Av. Mem de Sá e Rua Riachuelo, que divide o espaço com a lanchonete da rede fastfood Bob’s e três caixas eletrônicas 24 horas, converte-se, além de ponto de encontro e abrigo em noites de chuva, em lugar de passagem de uma rua para outra.

As ruas estavam movimentadas e, literalmente, paravam o trânsito. Os carros e motos passavam com dificuldade, sendo, por vezes, cercados de pessoas que apreciavam e degustavam a noite. Nessa altura “perdi” o caminho de casa, há alguns quarteirões de onde me encontrava, e me deixei guiar pelo que conseguia

ouvir. Aquela confusão dissonante em forma de frequências e ritmos que poderiam me dizer além das letras e vozes que tentava decifrar.

Da rua, além das pessoas localizadas na frente, era possível ver o interior do pub Leviano, onde ao fundo, de cima de um pequeno palco, apresentava-se uma banda que tocava alguns covers. Na calçada, algumas mesas com pessoas bebendo e comendo enquanto ouviam músicas dos “Barões da Pisadinha” intercaladas com outras que não consegui identificar. As músicas, obviamente, não se restringiam ao Leviano, e mesmo que fossem colocadas grades separando o pub da rua, o público do privado, pessoas ali paravam, entre a parte da calçada que restava e a rua, e aproveitavam a mesma música que tocava lá dentro. Seria, afinal, a mesma música?

Aquela grade metalizada instalada na calçada, que pode, inclusive, ser observada em noites mais movimentadas, me fornecem pistas para lançar questões relacionadas aos contrastes e paradoxos que tecem as práticas do espaço da Lapa. A partir da música, usos e práticas do cotidiano por meio dos sons do espaço se colocam como caminho por onde busco analisar a respeito da diversidade de marcas e ritmos pelo território estudado.

As grades explicam as tensões do lugar. As músicas, que a priori não se podem limitar seu alcance, mesmo diante de uma fronteira material, o que se observa é que o som, obviamente, perpassa as barreiras que para ele foram estabelecidas. Os limites impostos pela grade trazem insights que, a rigor, dizem sobre a tentativa de limitar o que não se pôde ofuscar e abafar dentro daquela noite. Corpos que, coletivamente, cantam, dançam, consomem suas próprias bebidas – muitas vezes compradas em depósitos espalhados pelas redondezas –, criam e estabelecem laços, vínculos e (des)afetos que vibram nos ritmos das músicas e separados por uma barreira física.

Essas elucidações vão de encontro ao que abordou Micael Herschmann, historiador da Escola de Comunicação (ECA) da UFRJ, sobre Lapa como a cidade da música em relação à (re)construção desse espaço a partir do mercado da indústria fonográfica. Um espaço pensado e atravessado pela música que fora apropriado pelas forças do mercado e da promoção do espaço urbano a partir das transformações ocorridas na indústria da música.

O autor investiga a criação de novos modelos de negócios emergentes com o declínio da indústria fonográfica na virada dos anos 2000, e como esse processo, resultante da articulação de inúmeros agentes, incide na construção de uma “nova Lapa”. Segundo o autor, apesar das dificuldades enfrentadas pelo setor musical à época no Brasil, seu “renascimento” e a visibilidade de uma nova geração de músicos de “samba-choro de raiz” evidenciam como – de forma inovadora, sem incentivo do Estado ou das grandes gravadoras – estes atores sociais que atuaram neste novo circuito cultural conseguiram mudar a geografia da vida noturna do Rio de Janeiro.

Desse modo, pode-se dizer que o papel da música na invenção do lugar está intrinsecamente relacionado a questões sobre sociabilidade, identidade e a construção de um espaço contemporâneo como lócus da diferença, da diversidade e da mistura de ritmos e frequências. A criação de estabelecimentos que utilizam a música como atrativo turístico foi observado pelo autor e se estende a diversas outras pesquisas sobre a Lapa e sua dimensão musical e cultural (CASCO, 2007; BARTOLY, 2011).

Os pubs que ocupam esse pedaço que descrevo da Mem de Sá trazem outros públicos, outros pratos, drinks e preços, assim como outras questões que merecem também ser analisadas para a construção de uma reflexão sobre as práticas

e consumo do espaço urbano contemporâneo da Lapa. Ainda que não se apresentem de forma rigidamente polarizada, os contrastes e paradoxos esbarrados e vivenciados em campo se espalham de maneira pulverizada pela região investigada. Poderíamos, talvez, falar em espacialidades, urbanidades e centralidades diversas dentro desse espaço central da cidade do Rio delimitado nesta pesquisa.

No pub Leviano, por exemplo, à meia luz, garçons e garçonetes atendem e servem as mesas enquanto os pratos e bebidas são preparados na cozinha localizada no andar superior, que funciona até 3 horas da manhã. Com seus uniformes e aventais na cor preta, praticamente se camuflam na noite entre as mesas dos clientes. Entre uma mesa e outra, comumente encontram pessoas conhecidas do outro lado da grade, fora do bar, de onde trocam rápidas conversas e logo retornam às rodadas de pedidos dos consumidores.

Dessa narrativa apresentada, um espaço de múltiplos usos e contrastes se revela. Com relação aos caminhos percorridos durante a pesquisa, Manuel Delgado (2007) traz apontamentos metodológicos que nos auxiliam a pensar a dimensão urbana das ruas e os significados atribuídos por seus usuários e usuárias. As relações e interações interpessoais atravessadas por instabilidades e conflitos nos espaços públicos das cidades são pensadas pelo autor como características elementares do espaço urbano contemporâneo. Para Delgado (2007: 128):

No se insistirá bastante en que una calle no es un mero pasadizo que se abre paso entre construcciones. Denigrada por las ideologías más autoritarias y antiurbanas, siempre incómodas ante su tendencia al enmarañamiento y su ambigüedad semántica, la calle es una institución social. En su seno se desarrollan formas propias de aprendizaje y sociabilidad cuyos protagonistas no están asociados entre sí por lazos involuntarios como los que caracterizan os sistemas de filiación, no aparecen inmiscuidos em órdenes formales estables como los propios de las instituciones primarias de la sociedad, ni comparten una misma visión del mundo ni sentimientos identitarios que permitirían reconocer en su existencia conjunta algo parecido a una comunidad.

O autor, com isso, aponta para uma mirada com implicações metodológicas, onde são valorizados os fluxos, as caminhadas e seus ritmos, nos levando a pensar sobre as formas pelas quais os corpos se relacionam entre si e com o espaço urbano. As regras, acordos e negociações, que muitas vezes se fazem no próprio cotidiano da cidade, dizem respeito, conforme aponta Delgado, acerca da capacidade de agenciamento dos usuários e usuárias com a cidade.

O exercício etnográfico não deve, portanto, ser realizado de modo a identificar uma ordem estável, mas sim uma série de conflitos em uma concepção que entende que “a observação nos torna participantes da cidade”. Assim, sobre a relação entre o pesquisador e o campo, o autor indica que a observação deve ser direcionada não somente ao comportamento de indivíduos, mas sim ao conjunto que compõe esse “cenário” da vida na cidade, composto pelos movimentos, permanências, interações e vínculos estabelecidos nos caminhos.

Essa observação não diz respeito apenas ao olhar, mas a uma invocação dos sentidos que permitem esse contínuo processo de observação e interpretação dos papéis desempenhados na cena urbana, em que os espaços das cidades “deben ser considerados por tanto terreno para una cultura dinámica e inestable, elaborada y reelaborada constantemente por las prácticas y discursos de sus usuarios” (DELGADO 2007: 129). De um cotidiano permeado por transformações e reinvenções, torna-se possível lançar luz sobre uma atmosfera paradoxal, contraditória e ambivalente, vista em uma gama de práticas e usos do espaço aqui considerado.

Recebido em 9 de fevereiro de 2023.
Aprovado em 30 de agosto de 2023.

Referências

- BARTOLY, Flavio Sampaio. Da Lapa boemia à Lapa reificada como lugar do espetáculo: uma análise dois de periódicos da história da produção do lugar na cidade do Rio de Janeiro. *Revista Geográfica de América Central – Edição especial EGAN*, 12: 1-13, 2011.
- CARRICONDE, Raquel Martini. *Nas subidas e descidas da Escadaria Selarón, Lapa/RJ*. Dissertação de Mestrado, Ciências Sociais, UERJ, 2012.
- CARUSO, Haydée. *Entre ruas, becos e esquinas: a construção da ordem na Lapa carioca*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.
- CASCO, Ana C. *O Arco das Lapas: um estudo de antropologia urbana*. Tese de Doutorado, Antropologia Social, UFRJ, 2007.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- DELGADO, Manuel. *El espacio público como ideología*. Madrid: Editora Catarata, 2011.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Etnografia de e na rua: estudo de antropologia urbana”. In: ROCHA, Ana Luiza C. Da; ECKERT, Cornelia (orgs). *Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana*. Porto Alegre/RS: Editora da UFRGS, 2013.
- FAZZIONI, Natália Helou. Entre a rua e o bairro: etnografia de um espaço em movimento. *Iluminuras*, 16 (36): 287-307, 2014
- GUTERMAN, Bruna da Cunha. *Cidade-produto, bairro-marca: como a Lapa está se tornando o mais carioca dos bairros*. Tese de Doutorado, Planejamento Urbano e Regional, UFRJ, 2012.
- HERSCHMANN, Micael. *Lapa, cidade da música: desafios para o conhecimento do Rio de Janeiro e da indústria da música independente nacional*. Rio de Janeiro/RJ: Editora Mauad X, 2007.
- JACQUES, Paola Berenstein. “Zonas de tensão: em busca de micro-resistências urbanas”. In: BRITO, Fabiana Dutra; JACQUES, Paola Berenstein (org.). *Corporidade: debates, ações e articulações*. Salvador/BA: EDUFBA, 2010.

MAIOR, J. L. S. “Lei geral da Copa: explicitação do estado de exceção permanente”. In: *Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?*. Rio de Janeiro: Boitempo, 2014. pp. 33-40.

MARTINS, Gabriela Rebello; OLIVEIRA, Márcio Piñon de. O que está acontecendo com a Lapa? Transformações recentes de um espaço urbano na área central do Rio de Janeiro – Brasil. *XII Encontro de Geógrafos da América Latina, 2008*. Montevideo: XII Encontro de Geógrafos da América Latina, 2008.

SILVA, Hélio R. S. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Damará: ISER, 1993.

SILVA, Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos*, 15 (32): 171-188, 2009.

SOUZA, Andre Felix de. Lapa: da sociabilidade na cidade para a sociabilidade da cidade. *Espaço Aberto PPGG UFRJ*, 5 (2): 61-78, 2015.

VELHO, Gilberto. “Observando o familiar”. In: VIANNA, Hermano; KUSCHNIR, Karina; CASTRO, Celso (org.). *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. pp. 123-132.

VIANA, Lucio Hanai Valeriano. A ideologia na produção do espaço: os megaeventos como agentes difusores da ideologia neoliberal. *Cadernos MetrÓpole*, 21 (44): 79-97, 2019.



ACENO
REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

**Revista quadrimestral
editada pelo Programa
de Pós-Graduação em
Antropologia Social da
UFMT, desde 2014.**

 **NO INSTAGRAM**
ACENO.REVISTADEANTROPOLOGIA